

# E Sarney fala em otimismo

1986

“Confiança” é a palavra de ordem do presidente. No momento, ele acha que “as crises são desafios menores.”

Esta semana, em que a economia praticamente parou à espera de que o governo defina medidas que impeçam o País de cair numa recessão acompanhada de hiperinflação, teminou com o presidente Sarney transbordando de otimismo em uma mensagem “a brasileiras e brasileiros”, através de seu programa das sextas-feiras ao Pé do Rádio.

“Neste instante”, disse o presidente, “eu desejo reafirmar que todos nós devemos ter confiança e disposição para o trabalho. Temos que combater os derrotistas, o mal-humorado, e o radicalismo. No momento em que o mundo mostra confiança no Brasil e os números demonstram que estamos crescendo, diminuindo a pobreza e aumentando a produção, as crises são desafios menores a que devemos superar com confiança. A palavra portanto é confiança. Confiança que repousa em todos nós”.

A explicação para o entusiasmo estava no trecho em que Sarney aponta “a grande vitória”, que foi “o chamado acordo do Clube de Paris, que nós firmamos com os nossos credores na área de governo a governo. O acordo aceitou a tese brasileira de não fazer o protocolo de monitoramento do FMI. Nossa atitude neste caso não foi de confrontação, mas não queríamos fazer duas coisas que não devemos fazer. Primeiro: não assumir compromissos que não podemos cumprir no setor internacional. Segundo: renunciar à nossa soberania”.

(Não fica claro, mas quando o presidente se refere a compromissos que não podemos cumprir, está-se referindo ao fato de que o Brasil não tem, no momento, dinheiro com que honrar a dívida. Segundo fontes bem informadas, as reservas cambiais estão perigosamente baixas, por volta de US\$ 2,5 bilhões. Não disse também que a fonte de recursos para pagar a dívida, basicamente

as exportações, minguou para US\$ 9,527 bilhões, bem abaixo dos US\$ 12,5 bilhões previstos para 1986, e não tem perspectivas de melhorar esse resultado este ano.)

Apesar de os governos estrangeiros não ignorarem as difíceis condições do Brasil e, por isso, terem cortado à metade — de um ano para seis meses — a suspensão dos pagamentos de nossa dívida em 1987, Sarney garantiu: “Os grandes países do mundo confiaram no Brasil, na sua vitalidade e no meu governo. Se lá fora acreditam”, acrescentou, “por que admitir que aqui alguns brasileiros possam não acreditar?”

Mas o presidente tinha mais sucessos a alinhar para seus ouvintes. Primeiro, lembrou a inauguração de duas turbinas de Itaipu.

“Estas turbinas irão gerar 1.400.000 Kw”, disse, “potência igual a uma usina como Urubupungá. Sua instalação estava atrasada 40 meses e atacamos o seu término com prioridade absoluta.”

(Sarney, ao louvar a importância de uma obra projetada e realizada em dois governos anteriores ao seu, esqueceu-se de mencionar que Itaipu custou mais de 10% da atual dívida brasileira, ou seja, US\$ 12 bilhões, e que seu custo pode aumentar muito mais se se confirmar a intenção de seu governo de instalar mais duas turbinas além das 18 projetadas.)

Depois, ele lembrou aos ouvintes: “Na quarta-feira, 21, lançamos o Projeto de Saneamento da Siderbrás, para tornar o setor produtivo e competitivo e acabar com as



ameaças que pesavam sobre seu desempenho”.

(O governo terá de gastar US\$ 12 bilhões de recursos da União para sanear as finanças do grupo Siderbrás. Esse dinheiro vem da arrecadação de impostos pagos pelos brasileiros.)

“Eu disse na solenidade de assinatura do protocolo”, continuou Sarney, “que a siderurgia nacional viveu três momentos importantes. O primeiro, quando o presidente Getúlio Vargas, de maneira pioneira, teve a coragem de implantar Volta Redonda. Depois, quando o presidente Juscelino, numa meta ambiciosa, prometeu alcançar um milhão de toneladas em seu governo. Pois bem, somente durante o governo da Nova República, em menos de dois anos, nós já aumentamos a produção em 3.200.000 de toneladas”.

(Esse aumento não foi capaz de suprir as necessidades internas do mercado e manter o ritmo de exportação do aço, o que significou um prejuízo de US\$ 230 milhões para a balança comercial do País em 1986.)